



**Educação para além dos muros: experiência do Grupo de Estudos em  
Agroecologia e Campesinato da UFRPE**

Michelly Aragão Guimarães Costa<sup>1</sup>

Luis Antônio da Silva Soares<sup>2</sup>

Makeda S.D.S.<sup>3</sup>

Edgar Caliento Barbosa<sup>4</sup>

Waldemir Carneiro Albuquerque<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Estudante, GEAC/NAC/UFRPE, [mikellyaragao@gmail.com](mailto:mikellyaragao@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante, GEAC/NAC/UFRPE, [luissoarescs@gmail.com](mailto:luissoarescs@gmail.com)

<sup>3,4,5</sup> Estudantes, GEAC/NAC/UFRPE

## **RESUMO**

No presente artigo, temos como objetivo apresentar os princípios e as diretrizes que fundamentam as ações e as práticas do Grupo de Estudos em Agroecologia e Campesinato (Geac), na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O Geac é um espaço educativo que se propõe ao fortalecimento da Agroecologia na UFRPE e para além dela, a exemplo dos movimentos sociais, ONGs e redes de articulação. Para isso, descrevemos os valores e as concepções que o Geac considera essenciais para o processo educativo e de construção do conhecimento agroecológico. Assim, defendemos que o estudo contextualizado por meio dos espaços e vivências práticas seja o caminho para a construção do conhecimento agroecológico nas universidades, nas escolas técnicas, nas escolas do campo e para uma sociedade mais justa ambiental e socialmente a todos e todas.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Educação; Extensão rural agroecológica.

## **O campo e a educação nas universidades**

Os problemas gerados pelo modelo convencional de agricultura “agroubanoindustrial”, além dos pacotes tecnológicos impulsionados pelas políticas difusionistas reconhecidas comumente como Revolução Verde, a partir dos anos 1970, têm ocasionado até hoje reflexos em diversos níveis, com implicações poluidoras e desastrosas não só para o meio ambiente, mas para a sociedade como um todo (GLIESSMAN, 2001; KAGEYAMA, 2008; CAPORAL & COSTABEBER, 2004).

Nesse sentido, para tentar enfrentar tais problemáticas, a Agroecologia nasce como um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agricultura



sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL & COSTABEBER, 2004).

Segundo Gliessman (2001), a Agroecologia proporciona o reconhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre as portas para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação. Para o mesmo autor, ela valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação com vistas ao objetivo comum da sustentabilidade.

Segundo Trujillo (2006), a Agroecologia percorre um ambiente muito mais amplo e complexo do que a utilização responsável dos recursos naturais — não desconsiderando esse essencial fator — e, ao passo que reconhece as distintas formas do conhecimento científico, do saber popular dos agricultores e dos movimentos sociopolíticos articulados, avança na perspectiva da autonomia e da equidade nas relações sociais entre os sujeitos do campo.

Nesse sentido, a educação agroecológica é um instrumento fundamental para o processo de transição de agriculturas ecológicas no campo, para a autonomia e autodeterminação das famílias camponesas, assim como para a formação diferenciada dos estudantes nas universidades — futuros profissionais no campo. De acordo com a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA, s/d), “[...] a juventude que está nas universidades é cada vez mais preocupada com os temas que envolvem a Agroecologia”.

Os estudantes da Rede dos Grupos de Agroecologia (REGA) presentes no Seminário Convocatório do III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), realizado em dezembro de 2012, em Luziânia (GO), “criticam a formação acadêmica na área agrícola e das florestas em que são voltadas para o modelo do agronegócio, que, segundo eles, é insustentável” (ANA, s/d). Ademais, entendemos que a formação agroecológica não é constituída somente pelas ciências agrárias, mas de uma gama de áreas do conhecimento – humanas, naturais, ambientais e aplicadas.

Para isso, é necessário que a educação agroecológica questione as bases epistemológicas do modelo de ensino ocidental: racional, cartesiano e produtivista (MEKSENAS, *apud* LIMA *et al.*, 2006). Segundo Casado *et al.* (2000), é imprescindível desconstruir as dicotomias e os binarismos do pensamento ocidental moderno; buscar o



conhecimento sistêmico e holístico e a cosmovisão dos homens e mulheres ligados com a natureza.

A construção do conhecimento agroecológico é “[...] o resultado de uma situação sociocultural de natureza histórica”, e o método científico não pode garantir “[...] a separação entre razão e paixão”, ou seja, a ciência se vê afetada pelo contexto e práxis intelectual e política daqueles que produzem o conhecimento (CASADO *et al.*, 2000:155). Lima *et al.* (2006) retomam a Teoria da Complexidade, do pensador Edgar Morin, para afirmar que o ato do conhecimento é ao mesmo tempo biológico, espiritual, linguístico, cultural e histórico, ou seja, complexo.

Apesar dos avanços nas últimas décadas no campo agroecológico e na educação do campo — a nova política e o programa de assistência técnica e extensão rural pautada pelos princípios da Agroecologia; e a política nacional de educação do campo —, a realidade nos apresenta inúmeros desafios.

Assim, o reconhecimento da urgência de um novo modelo educacional para a formação dos estudantes tanto da cidade como das áreas rurais é crucial para atender às reais necessidades da população do campo, ao seu modo de vida e ao direito a ter acesso ao saber.

Nesse sentido, as escolas e as universidades públicas têm um papel fundamental no desenvolvimento da educação. De acordo com Saviani (2011), “[...] a escola pública, concedida como instituição de instrução popular, destinada portanto a garantir a todos o acesso ao saber, entra em contradição com essa sociedade capitalista, porque isso implicaria na sua própria superação”. Contradição essa que encontramos no Grupo de Estudos em Agroecologia e Campesinato (Geac), nas possibilidades de atravessar os muros e ir de encontro com a Educação Popular, com o conhecimento dos agricultores e das agricultoras, potencializando, assim, o conhecimento na concretude da sua ação.

### **O Geac: uma construção coletiva para além das universidades**

Com o interesse de se apropriar dos conhecimentos e saberes agroecológicos, nasce o Geac, no Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em 2011.

O Geac tem como proposta fomentar o ensino, a pesquisa e a extensão em Agroecologia e campesinato dos estudantes da UFRPE, assim como fortalecer o



movimento agroecológico nessa universidade e nos demais espaços: movimentos sociais, ONGs e redes de articulação agroecológica.

O grupo é composto por estudantes da graduação, da pós-graduação e do ensino técnico das diversas áreas do conhecimento — Ciências Sociais, Pedagogia, Administração, Ciências Biológicas, Ambientais e Agroecológica — contemplando não somente a UFRPE, mas também outras instituições, como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE).

A multidisciplinaridade e a diversidade dos integrantes fomentam os diálogos em torno da Agroecologia de forma mais integrativa e complexa, a partir dos diferentes olhares e saberes de cada um. Compreendemos que da construção coletiva, da solidariedade, do exercício cotidiano de conscientização ecológica e social, das mudanças de hábitos, da autonomia, da autogestão, do respeito à diversidade e do comprometimento ético é que poderemos (re)construir e (re)criar as bases para outras relações entre homens e mulheres com a natureza.

Nesse sentido, buscamos experimentar de forma dialógica o estudo contextualizado a partir das vivências e práticas agroecológicas<sup>1</sup> de que o grupo participa. Temos como premissa que a educação agroecológica perpassa a formação humana e crítica, a troca e o intercâmbio de conhecimentos e saberes: entre alunos e agricultores, alunos e alunos, alunos e professores, professores e alunos.

Além disso, valorizamos a relação horizontal e plural em que todos/as são portadores/as de conhecimentos e sujeitos da ação transformadora em busca de uma vida mais digna e justa. Concordamos, nesse sentido, com Paulo Freire (1999):

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas sou sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (p. 85-86).

Desenvolvemos nossa formação através das seguintes linhas de trabalho: (i) estudos e roda de diálogos em que são realizadas leituras e debates; (ii) vivência e intercâmbios em

---

<sup>1</sup> Sistema Agroflorestal (SAF) da UFRPE, em que realizamos mutirões e trocas solidárias de sementes. Set. 2012; mar. e abr. 2013. Assentamento Jaboatãozinho/PE, em que realizamos uma oficina de Geotinta e aplicação do Diagnóstico Rural Participativo. Nov. e dez. 2012. Laboratório de Mídias Autônomas (L.A.M.A), em que realizamos práticas de rádio livre e comunicação autônoma. Abr. 2013. Assentamento Chico Mendes – Sítio Ágata/PE, em que realizamos oficinas de Bioconstrução e Permacultura. Maio 2013.



espaços de transição agroecológica (assentamentos da agricultura familiar e Sistemas Agroflorestais (SAFs); (iii) participação em encontros, eventos e congressos da área; (iv) comunicação e mídia popular, além de publicação de artigos e apresentação de trabalhos em seminários e congressos da área.

Todas essas atividades são possíveis, pois trabalhamos na perspectiva da articulação em rede com outros coletivos, grupos e movimentos sociais que desejam dialogar e apoiar a Agroecologia, a exemplo do Coletivo Guazuma, na UFPE, o Laboratório de Mídias Autônomas (L.A.M.A) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Acreditamos que tais estratégias e a aproximação com outras experiências e realidades favoreçam a formação multidisciplinar e crítica dos estudantes do Geac, sendo o estudo e a vivência prática considerados aliados fundamentais para a construção do conhecimento agroecológico do grupo.

As atividades de extensão são de grande valor para o nosso aprendizado, pois, para compreendermos o conhecimento agroecológico e caminharmos para além dos muros da universidade, é necessário aprender conjuntamente com os saberes dos povos tradicionais e da agricultura familiar camponesa. Tal simbiose se coloca como fator preponderante para a nossa formação profissional, humana e crítica transformadora da realidade e de nossas vidas, no campo e na cidade.

Nesse processo, as trocas solidárias e os intercâmbios de conhecimento entre o grupo e os sujeitos com quem aprendemos e dialogamos têm possibilitado momentos de intensa renovação e reflexão sobre as nossas próprias práticas.

Assim, buscamos não levar ou estender nossos conhecimentos ao(à) agricultor(a), não interferir no espaço local das comunidades onde realizamos vivências e trabalhos e compreender que estamos ali porque reconhecemos que todos nós aprendemos em conjunto e que queremos ressignificar nossas vidas com empatia, afeto e cuidado mútuo (FREIRE, 1977).

Para isso, Caporal (2003) nos apresenta um novo conceito de *extensão*, a “Extensão Rural Agroecológica”, que se daria a partir de:

[...] um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias de investigação-ação participante que permitam o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os levem a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objetivo de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, adotando os princípios teóricos da Agroecologia como critério para o desenvolvimento e seleção das soluções mais



adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo.

Entendemos que a extensão não é assistencialismo — permeia, sim, a Educação Popular, da problematização, dialogal e crítica —, mas uma dimensão política da universidade quando pratica a valorização do diálogo com os “oprimidos da sociedade”; é, enfim, “[...] a contribuição teórica e política da universidade para o povo e a contribuição de fé, afetividade e saber do povo para a universidade” (OLIVEIRA *et al.*, 2005). Segundo Freire (1996), toda prática educativa de autonomia demanda a existência de sujeitos: um que, ensinando, aprende; outro que, aprendendo, ensina.

Assim, buscamos fazer florescer as sementes da paixão — homenagem à experiência de resistência dos agricultores e das agricultoras familiares que cultivam as sementes crioulas ou nativas no semiárido da Paraíba — em nossas ações, (re)existir e nos (re)inventar porque acreditamos ser possível um novo modelo que não mercantilize nossas vidas, nossos saberes nem nossos recursos naturais.

### **Referencial bibliográfico**

ANA. A participação dos estudantes no movimento agroecológico. 2012. Disponível em: <<http://www.agroecologia.org.br/index.php/noticias/393-a-participacao-dos-estudantes-no-movimento-agroecologico>>. Acesso em: mar. de 2013.

CAPORAL, F. R. **Bases para uma nova Ater pública**. Tese de Doutorado do autor. Santa Maria (RS), janeiro, 2003.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: Alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA; SAF; Dater-IICA, 2004.

CASADO, G. G.; SEVILLA-GUZMÁN, E.; e MOLINA, M. G. **Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000. p. 155.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 148

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

LIMA, I. de S.; JESUS, P. A pesquisa na prática da extensão rural para o desenvolvimento sustentável: alguns fundamentos epistemológicos. In: **Extensão rural, desafios de novos tempos**: Agroecologia e sustentabilidade. Recife: Bagaço, 2006.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

OLIVEIRA, A. M. B *et al.* A pedagogia dialógica na prática da extensão universitária. V



**Colóquio Internacional Paulo Freire** – Recife, 2005.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

TRUJILLO, F. S. de P. Agroecología y extensión agraria: un análisis alternativo del pasado y presente para la construcción del paradigma extensionista ecosocial en Iberoamérica. In: FIGUEIREDO, M. A. B.; LIMA, J. R. T. (org.). **Agroecologia, conceitos e experiências**. Recife, Bagaço, 2006.